



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022  
ISSN 2177-3866

## **O ESTOQUE DE CONHECIMENTO DAS MULTILATINAS: A INFLUÊNCIA DAS VANTAGENS COMPETITIVAS E CARACTERÍSTICAS INSTITUCIONAIS**

**FABIANE FIDELIS QUERINO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

**TAÍS RODRIGUES DA COSTA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

**IZADORA RIBEIRO E GARCIA DE OLIVEIRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

**CRISTINA LELIS LEAL CALEGARIO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

**EDNILSON SEBASTIÃO DE ÁVILA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

# O ESTOQUE DE CONHECIMENTO DAS MULTILATINAS: A INFLUÊNCIA DAS VANTAGENS COMPETITIVAS E CARACTERÍSTICAS INSTITUCIONAIS

## 1. INTRODUÇÃO

O conhecimento é um recurso fundamental para a criação de valor na empresa (BARNEY, 1991). A visão baseada no conhecimento (VBC) o reconhece como um ativo crucial para a empresa criar e sustentar suas vantagens competitivas (BENDER; FISH, 2000; RIBEIRO, FIGUEIRA; CALEGARIO, 2021). A obtenção do conhecimento pode ser acessado tanto a partir dos recursos que a firma desenvolveu ao longo de sua história, quanto do ambiente externo (PHENE; ALMEIDA, 2008; MEDASEA; ABDUL-BASIT, 2020).

Empresas multinacionais (EMNs), possuem maior vantagem no acesso a esses conhecimentos por meio das redes locais e globais as quais estão inseridas (GUPTA; GOVINDARAJAN, 2000). No entanto, EMNs de mercados emergentes podem apresentar diferenças significativas, comparadas as de países desenvolvidos, devido à natureza idiossincrática de seu país de origem (GAFFENEY et al., 2016). As economias emergentes são caracterizadas por apresentarem um ambiente institucional complexo, com alto índice de risco político, falta de incentivos governamentais e recursos escassos para que suas multinacionais aumentem a sua competitividade (ZHOU, GAO e ZHAO, 2017). No entanto, muitas delas, mesmo que tardiamente, iniciaram seu processo de internacionalização, e estão conseguindo posições de liderança em alguns setores de atuação (PINTO et al., 2017).

A literatura afirma que a criação e a transmissão do conhecimento dependem dos recursos disponíveis na economia (BLOMSTROM; LIPSEY, 1989; WANG; BLOMSTROM, 1992), da infraestrutura institucional dos países (PENG, 2001), bem como das especificidades existentes nas empresas (RUGMAN; VERBEKE, 1998; NGUYEN; RUGMAN, 2015; NARULA; PINELI, 2017). Assim, argumenta-se que é importante entender como as vantagens competitivas, seja do país, e ou da empresa, bem como o ambiente institucional estão impactando no estoque de conhecimento das multinacionais de economias emergentes.

O estudo sobre as empresas multinacionais originárias da América Latina, denominadas de multilatinas (CUERVO-CAZURRA, 2008), está ganhando cada vez mais destaque nos estudos de negócios globais (CUERVO-CAZURRA, 2019) para entender o fenômeno das empresas multinacionais de mercados emergentes (EMNEs) (BUCKLEY et al., 2017). Portanto, ao estudar sobre as multilatinas é possível expandir o conhecimento existente sobre como as teorias consolidadas são modificadas para englobar as empresas de mercados emergentes (VELEZ-CALLE et al., 2018).

Logo, o presente estudo visa responder a seguinte questão de pesquisa: como ocorre a obtenção de conhecimento das multilatinas, considerando o ambiente em que estão inseridas? Especificamente, este estudo busca analisar como as vantagens competitivas dos países (VCP) e das empresas (VCE) e as características institucionais do seu mercado de origem influenciam na formação do estoque de conhecimento das multilatinas. Este estudo é justificado devido ao fato de que nas economias latinas os países possuem características únicas que compartilham de semelhanças em seus antecedentes históricos, econômicos e políticos, além das características geográficas e culturais que as diferenciam de outras regiões do mundo (CUERVO-CAZURRA, 2016). Além disso, ao estudar sobre as multilatinas é possível expandir o conhecimento existente sobre como as teorias consolidadas são modificadas para englobar as empresas de mercados emergentes (VELEZ-CALLE et al., 2018).

Este estudo pretende contribuir com a literatura ao fornecer uma compreensão teórica das multilatinas e sua interação com o ambiente institucional e a obtenção de vantagens derivadas dos recursos existentes em suas economias de origem. Ao investigar as maneiras pelas quais as empresas preenchem ou exploram as instituições na busca de vantagens competitivas em cenários com a presença de vazios institucionais, este estudo contribui para a

literatura de negócios internacionais (LIEDONG et al., 2020). Por fim, este estudo traz uma contribuição gerencial ao destacar como as empresas da região da América Latina podem aproveitar e absorver das VCE e VCP, mesmo com a presença de vazios institucionais (PINTO et al., 2017; LEWIN et al., 2020).

O artigo está estruturado da seguinte maneira. Fez-se uma breve abordagem sobre o desenvolvimento teórico, apresentação das hipóteses e demonstração do modelo conceitual, que resume e norteia os conceitos-chaves da pesquisa. Na terceira seção são apresentados o método utilizado e as variáveis. Na quarta seção são apresentados e discutidos os resultados encontrados. Finalmente, na quinta seção, são apresentadas as conclusões deste estudo.

## **2. TEORIA E HIPÓTESES**

A visão baseada no conhecimento (VBC) é uma perspectiva derivada da visão baseada nos recursos (RBV) (GRANT, 1996; KOGUT; ZANDER, 1992; 1993) que considera que o conhecimento gerado é uma função da capacidade da empresa de captar e integrar uma ampla gama de recursos disponíveis tanto no país quanto dentro da firma, como fonte de alavancagem de conhecimento da própria firma (KAFOUROS et al., 2008; LEWIN et al., 2020). De maneira semelhante a RBV, a visão baseada no conhecimento reconhece a importância do conhecimento existente de uma empresa, que pode ser caracterizado como uma vantagem específica da firma (VCE) e as capacidades como recursos. Igualmente para essa perspectiva é o conhecimento advindo do mercado externo, como as vantagens específicas dos países (VCP). A integração e absorção dessas vantagens competitivas pelas empresas, podem resultar em um aumento do conhecimento interno da firma, alavancando assim seu desempenho (BARNEY; HESTERLY, 2007).

Sendo assim, a vantagem competitiva é resultado do conjunto de recursos e capacidades, que constituem as principais competências das empresas (PRAHALAD; HAMEL, 1990). Porém, a simples posse desses recursos por parte da empresa não garante vantagem competitiva para as empresas (WERNERFELT, 1984). Para garantir tal vantagem, é necessário que as empresas tenham capacidade para identificar e utilizar racionalmente esses recursos em suas atividades (BARNEY, 1991), que é obtido por meio da capacidade de absorção, tendo em vista que o conhecimento é um ativo crucial para a empresa (MCBEATH; BALL, 2012).

Enquanto as VCE e VCP são fontes importantes para a geração do conhecimento, a utilização dessas vantagens na empresa depende da capacidade de absorção da empresa (COHEN; LEVINTHAL, 1990), que segundo Phene e Almeida (2008), é um dos pontos cruciais da visão baseada no conhecimento. Uma empresa só consegue absorver o conhecimento disponível se tiver uma base prévia de conhecimento instaurado na organização, ou seja, a empresa precisa ser capaz de acessar, assimilar e explorar informações (COHEN; LEVINTHAL, 1990).

### **2.1 A influência das vantagens competitivas (VCE e VCP) sobre o estoque de conhecimento das multilatinas**

Uma empresa para ser multinacional precisa ter atividades de valor agregado em pelo menos dois países (RUGMAN; VERBEKE, 2001). Ainda, esse processo de internacionalização da empresa é um fenômeno complexo, que é influenciado pelas VCE e VCP. Isso ocorre porque para gerar valor a empresa precisa acessar e utilizar os recursos e capacidades disponíveis tanto internamente, por meio da VCE, quanto externamente por meio da VCP (RUGMAN et al., 2011). Consequentemente, é necessário investigar como ocorre a criação dessas vantagens competitivas, principalmente no contexto dos mercados emergentes, tendo em vista que é apontado na literatura que a condição desses países pode influenciar na dotação e internalização dos recursos (LUIZ et al., 2019; ADARKWAH; MALONÆS, 2020).

As VCE são vantagens competitivas próprias da empresa, como um ativo ou capacidade única que contribui para a conquista de sua vantagem competitiva (RUGMAN, 2010), como a

capacidade de marketing (SUTER et al., 2018), fabricação ou produção de know-how (RUGMAN; VERBEKE, 2001), recursos financeiros (ADARKWAH; MALONÆS, 2020), entre outros. Dessa forma, essas vantagens vêm principalmente de ativos e capacidades que trazem uma posição competitiva para as empresas possuidoras (RUGMAN et al., 2011). Sendo assim, para obter as VCE, as empresas precisam usar suas próprias vantagens como um ativo para conquistar sua vantagem competitiva (RUGMAN et al., 2011).

Esses ativos estão diretamente relacionados com os ativos que compõem os ativos estratégicos de conhecimento da firma, dessa forma, a internalização dessas vantagens pode intensificar o estoque de conhecimento da empresa (BLALOCK; GERTLER, 2009). Contudo, essas vantagens só podem contribuir para o desempenho industrial em países específicos (RUGMAN; VERBEKE, 1990). Portanto, em alguns países os recursos disponíveis localmente podem impactar na criação das VCE e influenciar assim, no estoque de conhecimento da firma.

Isso ocorre porque ao internalizar as VCE por meio da capacidade de absorção, as empresas podem alavancar o estoque de conhecimento existente e aplicar este para aumentar a criação de valor da empresa (RUGMAN, et al., 2012). A capacidade de recombinação é a VCE de ordem maior para uma empresa, no qual pode ocorrer não apenas a transferência de novos conjuntos para a firma, mas também criar conhecimentos e integrá-las com o conhecimento existente. Sendo assim, a assimilação e internalização de VCE pode implicar em um link para múltiplas fontes de conhecimento e aumentar a criação de conhecimento da empresa (SCOTT-KENNEL; GIROUD, 2015). Dessa forma, é proposto a seguinte hipótese:

**Hipótese 1:** O estoque de conhecimento das multilatinas está positivamente relacionado às vantagens específicas das firmas.

Existem muitas situações em que as empresas possuem uma VCE fraca, e, portanto, sua vantagem competitiva é determinada pela VCP (RUGMAN et al., 2011). As VCP são ativos transmitidos localmente e que englobam os recursos naturais, a força de trabalho e os recursos que são derivados da cultura do país (RUGMAN, 2010; GUGLER, 2017; SUTER et al., 2018). Além disso, esta vantagem engloba os fatores de localização exógenas de um país que representam o ambiente econômico e institucional do país (RUGMAN; NGUYEN, 2014).

Dessa forma, as VCP são fatores exógenos de uma localização em um país que representam os fatores econômicos e institucionais (GUGLER, 2016). Para Meyer et al. (2011), as empresas primeiro são moldadas pelo ambiente doméstico, de modo que eles podem atuar como incentivos ou restrições para a internalização dessas vantagens em suas atividades e agregar o estoque de conhecimento das mesmas.

Dado a quantidade de recursos naturais presentes nos mercados emergentes, como o tamanho do mercado doméstico, a disponibilidade de mão de obra a baixo custo e o fácil acesso a recursos financeiros podem fornecer VCP para as empresas dessas regiões (BUCKLEY *et al.*, 2008; GUGLER, 2016). Contudo, as VCP não são comuns para todas as empresas que atuam no país, isso porque essas vantagens podem ter efeitos diferentes de acordo com o tipo de empresa, indústria e mercado (PORTER, 1990, 2008).

Para Gugler (2016), o país de origem não apenas oferece VCP, mas também um ambiente de negócios produtivos, que permite que as empresas absorvam essas melhorias e aumente o estoque de conhecimento. Quanto mais sofisticado o acesso de recursos disponíveis no país, mais oportunidades existem para que as empresas desenvolvam VCE. Dessa forma, os VCE são uma função das VCP do país de origem e dos países anfitriões nas quais elas estão instaladas (RUGMAN; VERBEKE, 2001; GUGLER *et al.*, 2015). Portanto, os recursos disponíveis nos países advindos das VCP podem ser internalizados pelas empresas por meio das capacidades de absorção, aumentando assim o estoque de conhecimento. Sendo assim, é proposto que:

**Hipótese 2:** O estoque de conhecimento das multilatinas está positivamente relacionado às vantagens específicas dos países.

## **2.2 A influência das características institucionais na criação de estoque de conhecimento das multilatinas**

A teoria institucional é útil para explicar como o conhecimento é criado e evoluído de diferentes formas entre os países (NORTH, 1990). Os autores Pinto et al. (2017) complementam que o conhecimento evolui idiossincriticamente entre os países, principalmente por conta de suas instituições. Sendo assim, até certo ponto o conhecimento criado no país é dependente da instituição (PENG et al., 2008). A relação entre a criação do conhecimento e o crescimento econômico já está bem estabelecida na literatura (LERNER, 2009; ANDRÉS et al., 2015). Isso ocorre porque o processo de criação e difusão do conhecimento dependem da criação de políticas de governanças apropriadas, que são resultados de fatores institucionais que promovem a criação e a difusão e proteção do conhecimento (ANDRÉS et al., 2015). Contudo, o processo de internalização desse conhecimento nas atividades empresariais das empresas domésticas, é um ponto que merece atenção.

Levitt e March (1988) pontuam que existem três características institucionais que sustentam o processo de aprendizagem. A primeira, é que a ação é impulsionada pela legitimidade, ou seja, as empresas moldam suas estratégias pelo ambiente. A segunda, as organizações são dependentes do caminho, tendo em vista que a ação é guiada por processos e resultados anteriores. Por fim, a organização caminha em direção aos seus objetivos. À medida que as empresas operam em uma determinada economia, elas tendem a desenvolver características semelhantes e se tornam isomórficas (GUNAWAN; ROSE, 2014). Desse modo, as empresas podem adquirir conhecimento com base em suas próprias ações e também baseada na das outras empresas do país (GUNAWAN; ROSE, 2014). Sendo assim, o estoque de conhecimento da empresa é intimamente afetado pelo ambiente institucional do país.

As instituições do país podem resultar em uma rápida substituição e imitação de capacidades produtivas (ROBINS; WIERSEMA, 2000). Nessa situação, a sobrevivência da empresa depende da criação de um estoque de conhecimento. Para isso, é necessário a renovação constante das capacidades produtivas, e estas repousam sobre a capacidade de absorção. Isso porque, o argumento da visão baseada no conhecimento é que o desempenho da empresa depende das vantagens competitivas para a criação do conhecimento, juntamente com o gerenciamento de relacionamentos para a transferência e captação de conhecimento externo (GRANT, 1996; KOGUT; ZANDER, 1993).

Desse modo, tendo em vista que o principal papel das instituições é o de reduzir as incertezas em um ambiente (WILLIAMSON, 1985), em mercados com instituições bem estabelecidas, o estoque de conhecimento será maior dado a proteção existente (LEWIN et al., 2011; YAO et al., 2020). Contudo, nos países latinos, onde a presença de vazios institucionais é presente, o ambiente institucional pode ser um fator dificultador para esse processo (KHANNA; PALEPU, 2010; TALLMAN, 2003; PENG et al., 2005; CUERVO-CAZURRA, 2016; LEWIN et al., 2020). Portanto:

**Hipótese 3:** O estoque de conhecimento das multilatinas está negativamente relacionado ao ambiente institucional dos países de origem.

As empresas são comunidades sociais especializadas na criação e transferência interna de conhecimento. As EMNs são veículos responsáveis pela transferência do conhecimento produzido para além-fronteiras (KOGUT; ZANDER, 2003). Posto isso, dado a capacidade de criação de novos conhecimentos e tecnologias pelas EMNs, os países ficam criando condições especiais para a atração dessas empresas para suas economias (CRESCENZI et al., 2013)

visando aumentar suas fontes de geração, transferência e absorção de conhecimento (IAMMARINO; MCCANN, 2013; Ning et al., 2016). Dessa forma, a capacidade de absorção pode ser entendida como uma combinação de fatores internos e externos que são estimulados pela entrada de IDE no país (LEWIN et al., 2020).

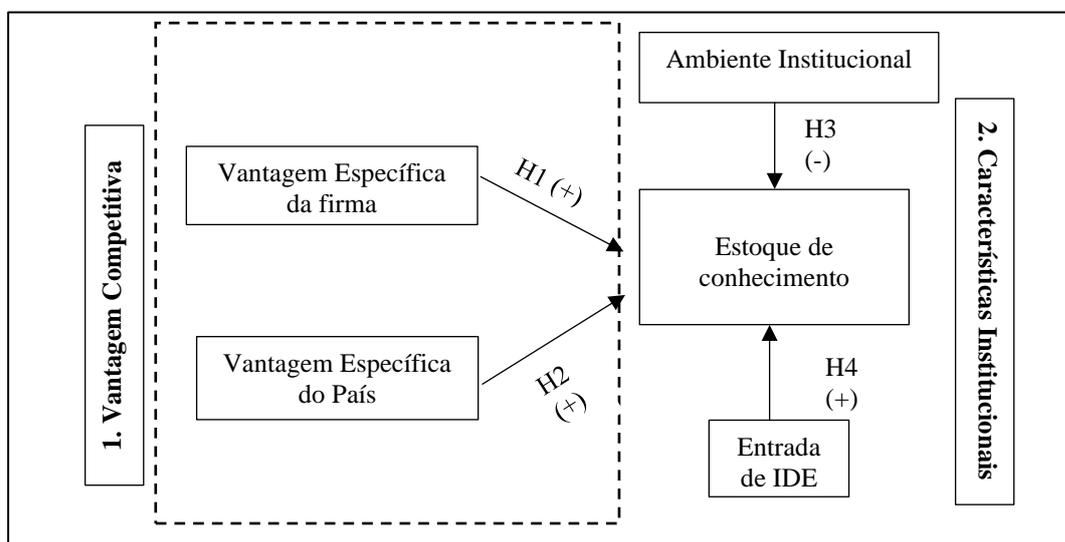
Ademais, a entrada de EMNs em economias emergentes via IDE pode preencher lacunas tecnológicas existentes nas empresas locais (KOKKO et al., 1996). A instalação de EMNs por meio do IDE nas economias latino-americanas pode ser uma fonte de conhecimento para as empresas locais, uma vez que elas podem explorar e integrar o conhecimento da EMN (COHEN; LEVINTHAL, 1990). Ou seja, as empresas locais com forte capacidade de absorção podem rastrear, avaliar e aproveitar o conhecimento das EMN entrantes (WU et al., 2019). Desse modo, a instalação de EMN nas economias latino-americanas auxilia as empresas domésticas a se tornarem altamente competitivas no mercado doméstico, aumentando o desempenho da empresa, que se tornará apta a internacionalizar suas atividades no exterior (CUERVO-CAZURRA, 2016).

Dessa forma, a capacidade de aprendizagem com as empresas entrantes depende da capacidade interna das empresas domésticas de aprenderem com as estrangeiras. E quanto maior a capacidade de internalização pré-existente na empresa, mais forte será a capacidade de absorção de conhecimento dessas com o transbordamento das EMNs (ZHANG et al., 2010). Portanto:

**Hipótese 4:** O estoque de conhecimento das multilatinas está positivamente relacionado à entrada de investimento direto estrangeiro no país de origem.

A figura 1 sintetiza as hipóteses e relações esperadas por meio do modelo conceitual deste estudo.

Figura 1: Modelo conceitual



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

### 3. METODOLOGIA

O escopo do estudo empírico está vinculado aos países e empresas da região da América Latina. Os países da região latino-americana compartilham características históricas, sociais, culturais e geográficas similares (CUERVO-CAZURRA, 2016). Contudo, é possível observar nesses países uma grande quantidade de heterogeneidade, tendo em vista que eles passaram por

diferentes níveis de transformação internas, que foram liderados por mudanças políticas internas e eventos externos (PINTO et al., 2017).

As multilatinas são empresas multinacionais da região da América Latina que possuem semelhanças em sua origem e desenvolvimento (CUERVO-CAZURRA, 2008). Essas empresas são marcadas pelo início tardio dos processos de internacionalização que ocorreram na década de 1980 (VELEZ-CALLE et al., 2018). Sendo assim, os estudos sobre essa região estão gerando contribuições para um melhor entendimento de como o país de origem influencia o comportamento das empresas em geral e seu processo de internacionalização (AGUILERA et al., 2017).

Este trabalho possui como características a metodologia de pesquisa descritiva-exploratória ancorada na análise quantitativa, uma vez que se trata de um estudo explicativo que irá realizar teste de hipóteses. De acordo com Creswell (2013), a análise descritiva permite que sejam especificadas as questões descritivas para cada uma das variáveis dependentes, independentes e de controle. O autor ainda enfatiza, que com a utilização desse método é possível inferir hipóteses que se relacionam com as variáveis a serem investigadas.

### **3.1 Dados e Amostra**

Para atender ao objetivo do estudo de compreender como o ambiente institucional dos países da América Latina está influenciando nas VCE e VCP dos países e se as empresas estão conseguindo internalizar essas vantagens em suas atividades para aumentar seu estoque de conhecimento, foi utilizado um modelo painel multinível. O horizonte temporal compreende os anos de 2005 a 2021.

As empresas foram selecionadas a partir dos relatórios anuais dos anos de 2019 e 2021, que apresenta as 100 empresas mais internacionalizadas da América Latina publicados pela revista América Economía (2021). Cumpre ressaltar que foram retirados da amostra inicial as empresas duplicatas, as que não divulgam as informações financeiras e as dos setores financeiro e de assistência médica. A amostra final contém 92 empresas de diferentes setores de atuação que são de 7 países da região da América Latina: Argentina (com 5 empresas), Brasil (com 29 empresas), Chile (com 22 empresas), Colômbia (com 8 empresas), México (com 25 empresas), Panamá (com 1 empresa), e Peru (com 2 empresas). Os dados no nível das empresas foram coletados através dos relatórios financeiros disponibilizados nos sites das empresas. E os dados no nível dos países foram coletados no *The World Bank* e *The World Economic Forum*.

Após a coleta dos dados, os dados financeiros foram deflacionados para o ano base (2005), convertidos em uma moeda comum, no caso o dólar americano e aplicou-se o logaritmo neperiano para a padronização dos dados. Dessa forma, os dados foram extraídos durante 17 anos, que totalizou 1.366 observações para cada variável. Esse estudo utilizou de um painel multinível não balanceado. Além disso, os dados precisaram ser tratados com um período de diferença (n-1), para ser possível verificar o efeito do ambiente institucional sobre o estoque de conhecimento das multilatinas.

### **3.2 Variáveis**

#### **3.2.1 Variável Dependente**

A variável dependente é o estoque de conhecimento, que captura a capacidade de reconhecer, assimilar e explorar novas informações externas é essencial para a capacidade e desempenho inovativo da empresa (COHEN; LEVINTHAL, 1989; TSAI, 2001; PHENE; ALMEIDA, 2008). Essa variável foi mensurada pelo logaritmo dos gastos com pesquisa e desenvolvimento (P&D) realizado pelas empresas no ano. (COHEN; LEVINTHAL, 1989; TSAI, 2001).

#### **3.2.2 Variável Independente**

Seguindo o pressuposto de Rugman e Verbeke (1998, 2001) sobre as VCE e VCP foi construído os indicadores para a mensuração dessas variáveis. A “vantagem específica das firmas” foi mensurada pelo (*i*) grau de internacionalização das empresas, medido pelo total de

vendas internacionais em relação às vendas totais (MARORRI; MARZANO, 2019); (ii) desempenho financeiro da empresa, mensurado pelo retorno sobre as vendas (ROS) (CONTRACTOR et al., 2003; LI et al., 2012) e (iii) retorno sobre o patrimônio (ROE) (LI et al., 2012). A “vantagem específica do país” foi mensurada pelas (i) total de patentes desenvolvidas no país, (ii) total de artigos publicados, (iii) exportação de bens de alta tecnologia e (iv) gastos com pesquisa e desenvolvimento em relação ao PIB do país (SUTER et al., 2018; CAMPI et al., 2018).

Para as variáveis VCE e VCP, foi necessário aplicar uma análise fatorial exploratória com método de análise de componente principal, com rotação Varimax com normalização de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e rotação ortogonal, para obter os scores fatoriais para a utilização nas análises (HAIR et al., 2009). Os valores do teste de KMO foram superiores a 0,600 (Para o VCP, KMO= 0,628 e VCE, KMO= 0,696), o que demonstra que os fatores explicam bem a variabilidade dos dados. Ainda, aplicou-se o teste de esfericidade de Bartlett, que realiza o teste de hipótese para verificar se a matriz de correlação é uma matriz de identidade. Para ambos os casos, os valores de significância do teste de Bartlett se mostraram baixos (p-valor= 0,000).

Para a variável “Ambiente Institucional” foi utilizada a pontuação obtida pelos países no relatório *The Global Competitiveness Report* desenvolvido pelo *World Economic Forum*. A pontuação do ambiente institucional é mensurada a partir de 26 indicadores agrupados em 8 grupo de fatores institucionais que são: (i) segurança; (ii) capital social; (iii) regulamentação do governo; (iv) desempenho do setor público; (v) transparência; (vi) direitos de propriedade; (vii) governança corporativa; e (viii) orientação futura do governo.

A variável “Investimento direto estrangeiro” foi mensurada pelo total de recebimento de IDE recebido no país em relação ao produto interno bruto (PIB). O IDE é definido como uma participação acionária de 10% ou mais em uma empresa que opere em um país diferente da economia de origem (ALFARO et al., 2004). Além disso, é uma categoria de investimento estrangeiro associado a um residente em uma economia que detém o controle ou um grau significativo de influência na gestão de uma empresa residente em outra economia. O cálculo ocorre por meio da soma do capital social, revestimentos e outro capital (WORLD BANK, 2022).

### 3.2.3 Variáveis de controle

As variáveis de controle foram utilizadas a níveis do país e das empresas. Em relação ao controle no nível da empresa, foram utilizados: (i) tamanho da empresa, que foi medido pelo total de ativos de cada multilatinas (HOLMES JR. et al., 2016; WU et al., 2016); (ii) Idade da firma medida pelo número de anos decorridos desde a fundação da empresa; (iii) Margem Operacional, mensura o total de ganhos da empresa em relação as suas operações; (iv) Participação em um grupo de negócios, variável dummy para verificar se a empresa participa de algum grupo de negócios; (v) empresa estatal, variável dummy para verificar se a empresa possui algum grau de participação estatal (HOLMES JR. et al, 2016; WU et al, 2016; WU et al, 2019).

Os controles do nível do país, foram: (i) Fábricas de média e alta tecnologia e (ii) Subsídio para cooperação de criação (ZAHRA; GEORGE, 2002; MEDASE; BARASA, 2019).

### 3.3 Modelo

Para este estudo, foi utilizado o modelo multinível com três níveis (denominado também de modelo hierárquico com três níveis- HLM3), sendo que no primeiro encontra-se a dimensão temporal, o segundo refere-se às multilatinas e o terceiro diz respeito aos dados dos países da América Latina. Entende-se que esse modelo é adequado, pois, o aspecto hierárquico do modelo, permite que seja levando em consideração o aninhamento natural dos dados (FÁVERO; BELFIORE, 2017). Além disso, a característica hierárquica faz referência com a camada de coeficientes que é construída em estruturas de dados estratificados e em painel (GREENE, 2012). Dessa forma, esse modelo permite que sejam identificadas e analisadas as

heterogeneidades individuais e entre os grupos na qual pertencem esses indivíduos, permitindo assim a especificação de componentes aleatórios em cada nível de análise (FÁVERO; BELFIORE, 2017).

Segundo Fávero e Belfiore (2017), Greene (2012) e Cameron e Trivedi (2005), para a utilização do modelo multinível, é necessário realizar alguns testes para a verificar se é o modelo adequado, de acordo com o banco de dados e também para a adequação do modelo. Sendo assim, o primeiro teste realizado foi uma estimação de um modelo nulo em dois níveis (país e empresa) para verificar a existência de variabilidade entre os grupos. Por meio desse teste, foi possível verificar que a correlação intraclasse (ICC) e a variância nos parâmetros ( $\tau_{00}$ ) foram significativos (ICC= 0,188 e  $\tau_{00} < 0,05$ ). Para corroborar esse teste, foi realizado um teste por meio da razão de verossimilhança, visando confirmar que o modelo multinível é preferível ao modelo mínimos quadrados ordinários (MQO). Ao realizar o teste por meio da razão de verossimilhança, obteve-se um p-valor abaixo de 0,05 (p-valor= 2.2 e-16), indicando que a variância não é igual entre os países, mostrando que o modelo é multinível.

Após a confirmação do modelo multinível, foi realizada uma regressão nula em três níveis, para determinar a ordem do modelo. Por meio desse teste, foi possível verificar que a correlação intraclasse (ICC) e a variância nos parâmetros ( $\tau_{00}$ ) foram significativos no nível intraclasse nível 2 e 3 (ICC= 0,188 e  $\tau_{00} < 0,05$ ). Sendo assim, o modelo a ser utilizado é um multinível de 3 níveis (M3N ou HLM3).

Para estimar o modelo foi utilizado o software R Studio versão 2022.02.3.

## 4. RESULTADOS

### 4.1 Estatísticas descritivas

Inicialmente, foi realizada uma análise descritiva das variáveis que compõem o modelo, com a finalidade de analisar o comportamento dos dados. Os comportamentos foram verificados por meio da análise da média, desvio padrão, mínimo, máximo e também foi realizado o teste de normalidade de Shapiro-Wilk para analisar a normalidade dos dados do modelo. Os resultados são mostrados na tabela 1.

Tabela 1: Estatísticas descritivas das variáveis do modelo

	N	Dados faltantes	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	Teste de normalidade de Shapiro-Wilk
IPeD	1252	114	3.38	1.59	-0.830	7.45	< .001
VCP	1353	13	0.0561	0.856	-3.05	1.80	< .001
VCE	1366	0	2.71e-4	0.767	-25.4	6.28	< .001
INST	1366	0	3.70	0.579	2.90	5.00	< .001
IDEPIB	1273	93	0.0400	0.0233	-0.0400	0.160	< .001
IATTOT	1191	175	6.04	1.16	2.38	9.36	< .001
MO	1348	18	0.190	2.34	-44.3	52.0	< .001
GN	1366	0	0.485	0.500	0.00	1.00	< .001
SOE	1366	0	0.111	0.314	0.00	1.00	< .001
EXP	1366	0	60.9	31.1	0.00	138	< .001
SUBSCOOP	1141	225	1.41e+8	7.80e+7	1.14e+7	7.76e+8	< .001
FABMEDALTTEC	1183	183	29.9	10.2	6.21	45.0	< .001

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2022)

A análise da tabela 1 mostra uma grande variação entre os valores de mínimo e máximo, impactando assim no resultado do desvio-padrão. Esse resultado era esperado devido a

heterogeneidade dos países da região da América Latina, principalmente em termos de desenvolvimento econômico, entrada de IDE, investimento em P&D, educação e empresas, e os refletem nas VCP e VCE.

Na tabela 2 são apresentados os resultados do teste de correlação de Pearson. Como pode ser observado, os valores foram abaixo de 1, indicando que as variáveis não apresentam problemas de correlação.

Tabela 2: Teste de correlação de Pearson

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1.IPeD	—											
2.VCP	0.007	—										
3.VCE	-0.034	0.034	—									
4.INST	0.134	0.013	0.052	—								
5.IDEPIB	0.114	0.084	0.012	0.732	—							
6.IATTOT	0.505	0.011	0.026	0.174	0.127	—						
7.MO	-0.045	0.022	0.151	0.044	0.052	0.022	—					
8.GN	0.115	0.015	0.017	0.083	0.019	0.129	0.055	—				
9.SOE	-0.135	0.021	0.003	0.030	0.074	0.109	0.003	0.188	—			
10.EXP	-0.056	0.011	0.028	0.248	0.187	0.101	0.005	0.034	0.068	—		
11.SUBSCOOP	-0.079	0.073	0.006	0.398	0.348	0.158	0.051	0.130	0.028	0.092	—	
12.FABMEDALTTEC	-0.136	0.154	0.007	0.675	0.647	0.049	0.077	0.086	0.137	0.207	0.429	—

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2022)

## 4.2 Resultado do modelo multinível

Na tabela 3 são apresentados os resultados da estimação do modelo multinível para verificar a relação do estoque de conhecimento com vantagens competitivas e características institucionais.

Tabela 3: Resultado da estimação do modelo multinível com a variável dependente sendo o estoque de conhecimento (lped)

	Parâmetro	Erro Padrão	Data frame	Valor t	p-valor
Intercepto	-1,25E+03	8,24E+02	3,25E+05	-1.515	0.13074
ano1	-5,55E+01	5,56E+01	6,05E+04	-0.997	0.32287
VCP	6,47E+01	6,31E+01	9,21E+05	1.026	0.30529
VCE	3,22E+02	1,80E+02	8,93E+05	1.793	0.07326 *
INST	-3,12E+02	1,87E+02	2,55E+05	-1.671	0.09603 *
IDEPIB	9,11E+03	3,19E+03	9,65E+05	2.858	0.00435 ***
VCP.ANO1	-5,15E+00	6,15E+00	9,18E+05	-0.839	0.40186
VCE.ANO1	-2,21E+01	1,22E+01	8,96E+05	-1.820	0.06910 *
INST.ANO1	2,68E+01	1,61E+01	8,61E+04	1.667	0.09913 *
IDEPIB.ANO1	-7,19E+02	3,46E+02	9,62E+05	-2.078	0.03795 **
IATTOT	8,88E+02	6,55E+01	6,30E+05	13.573	< 2e-16 ***
FABMEDALTTEC	-9,11E-01	6,80E+00	1,34E+05	-0.134	0.89359
GN	-9,48E+00	2,82E+02	7,60E+04	-0.034	0.97326
SOE	-6,26E+02	3,52E+02	2,67E+05	-1.777	0.07672 *

MO	-3,15E+01	1,97E+01	9,24E+05	-1.597	0.11055
SUBCOOP	6,23E-07	4,87E-07	9,45E+05	1.281	0.20051
EXP	-1,44E+00	4,46E+00	8,70E+04	-0.323	0.74714

Nota: \*p<0,10; \*\*p<0,05; \*\*\*p<0,01

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2022)

Olhando primeiro para as variáveis de controle, o tamanho da empresa está positivamente relacionado com o estoque de conhecimento. Esse resultado é consistente com os achados de Bayona et al. (2001), Fritsch e Lukas (2001), Miotti e Sachwald (2003), Geenhuizen et al. (2010), Almeida et al. (2019). Esses estudos mostram que quanto maior o tamanho da empresa, mais propensa esta está de aumentar seu estoque de conhecimento. Além dessa, a variável sobre a propriedade estatal das empresas também obteve um resultado significativo e negativo, conforme relatado na literatura por Wang e Hu (2017) e Tang et al. (2020), isso porque o investimento em P&D dessas empresas é significativamente mais fraco do que o de empresas não estatais. As demais variáveis (fábricas de média e alta tecnologia, grupo de negócios, margem operacional, subsídios de cooperação e anos de experiência da firma) embora contribuíram para o modelo, não apresentaram estimativas significativas.

Em relação às variáveis independentes, uma especificação do modelo multinível é que ocorra a interação com a variável do grupo, no caso deste trabalho a variável que caracteriza o grupo é o tempo (ano). Sendo assim, a interpretação dos resultados ocorre por meio dos efeitos parciais. Além disso, ao analisar essa variável (ano) separadamente, ela não obteve significância estatística e o sinal foi ao contrário do esperado, contudo, ao realizar a interação com as variáveis de interesse, os resultados foram significativos. Sobre a primeira hipótese, é possível verificar na estimação do modelo, que o efeito marginal do estoque de conhecimento em relação às VCE, foi positivo e significativo ( $\Delta VCE/\Delta VCE.ano1 = \beta_{VCE} + \beta_{VCE.ano1} = 1,01$  e p-valor < 0,010), o que não rejeita a hipótese 1. A confirmação da hipótese 1 mostra que as multilatinas conseguiram intensificar e internalizar as vantagens competitivas que são próprias das firmas em suas atividades, contribuindo assim para o estoque de conhecimento destas firmas. Esse resultado corrobora os achados de Rugman et al. (2011) e Scott-Giroud (2015), ao destacar que as empresas não apenas conseguiram transferir um conjunto de conhecimento para a empresa, mas também conseguiram criar e integrar novos conhecimentos.

Sobre a relação do estoque de conhecimento e as VCP, o modelo mostrou uma relação positiva, mas que não foi significativa ( $\Delta VCP/\Delta VCP.ano1 = \beta_{VCP} + \beta_{VCE.ano1} = 1,32$  e p-valor > 0,010), o que permite rejeitar a hipótese 2. Esse resultado, mostra que as vantagens competitivas disponíveis em seus países de origem parecem não contribuir para aumentar o estoque de conhecimento da firma. Esse resultado vai contra aos resultados de Buckley et al. (2008, 2012) e Gugler (2016), que destacaram que principalmente em mercados emergentes, como os da região latino-americana, o acesso às VCP são mais fáceis de serem internalizados e absorvidos. Contudo, Porter (1990, 2008) justifica esse achado ao relatar que nem todas as empresas podem internalizar essas vantagens devido às diferenças no tipo de empresa, setor, indústria e mercado.

A relação entre o ambiente institucional e o estoque de conhecimento das multilatinas, obteve um resultado negativo e significativo ( $\Delta INST/\Delta INST.ano1 = \beta_{INST} + \beta_{INST.ano1} = -5,8$  e p-valor < 0,010), o que permite não rejeitar a hipótese 3. A não rejeição, confirma os resultados de Peng et al. (2005), Cuervo-Cazurra (2016), que destacaram que a presença de vazios institucionais nessas economias latino-americanas, podem dificultar o processo de internalização e criação do conhecimento, impactando assim na criação de estoque de conhecimento dessas empresas.

Por fim, a relação da entrada de IDE na economia e o estoque de conhecimento das multilatinas foi significativo e positivo ( $\Delta IDE/PIB/\Delta INST.ano1 = \beta_{IDEPIB} + \beta_{IDEPIB.ano1} = 1,92$  e p-valor < 0,05), o que permite não rejeitar a hipótese 4. A não rejeição desta hipótese

confirma os achados de Kogut e Zander (2003), ao destacar que os investimentos estrangeiros são veículos responsáveis por transmitir o conhecimento pelo mundo, e que nos mercados emergentes podem contribuir para o estoque de conhecimento local, que podem ser absorvidos pelas empresas locais. (KOKKO et al., 1996; WU et al., 2019). Ainda, esse resultado atualiza os achados de Cuervo-Cazurra (2016), ao destacar como as multilatinas podem se tornar mais competitivas devido a entrada do IDE na região, isso porque elas podem internalizar os transbordamentos de conhecimentos das EMNs e aumentarem seu estoque de conhecimento e desempenho.

## 5. CONCLUSÃO

As multilatinas estão ganhando destaque nos estudos da área de negócios internacionais. Visando contribuir com esses estudos, o presente trabalho analisou como as características do ambiente institucional, a entrada de IDE e as vantagens competitivas dos países, como as VCE e VCP estão influenciando no estoque de conhecimento das multilatinas. A partir da aplicação do modelo de painel multinível, foi possível confirmar que as VCE e entrada de IDE estão influenciando positivamente no estoque de conhecimento das multilatinas. Além disso, o ambiente institucional da região latino-americana foi um fator que impactou negativamente no conhecimento das empresas, mas essa relação era a prevista pela literatura. Apenas, as VCP que não influenciaram na criação do estoque de conhecimento das multilatinas.

É possível observar que dentro das variáveis que compõem o modelo, o fluxo de recebimento do IDE, foi a variável mais significativa e de maior parâmetro para explicar o estoque de conhecimento das multilatinas. Isso significa que a entrada das EMNs via IDE nas regiões latino-americanas, gera transbordamento de conhecimento que está sendo internalizado e integrado por meio das capacidades de absorção, de modo que eles não apenas estão sendo utilizados, mas também estão sendo acumulados ao ponto de criar um estoque de conhecimento para essas empresas locais. Sendo assim, os resultados indicam que os países da região devem reforçar a formação de políticas públicas que estimulem a entrada dessas empresas em seus países, visando aumentar e intensificar o desempenho e estoque de conhecimento das empresas locais.

Este estudo apresenta uma contribuição gerencial por destacar quais são as vantagens competitivas e características institucionais que estão contribuindo para a formação de estoque de conhecimento para as empresas multilatinas. Com isso, foi verificado que as VCP não foram suficientes para a criação de conhecimento para as firmas, sendo assim, os governos devem avaliar se as políticas destinadas para o acesso a esses recursos estão sendo direcionadas corretamente para as empresas. Além disso, é possível verificar que os gestores estão utilizando de seus recursos internos para aumentarem o estoque de conhecimento e não estão dependentes apenas das VCP local. Por fim, é destacado como as empresas podem aproveitar da presença das EMNs em suas economias para absorverem os transbordamentos de conhecimento que podem ocorrer.

Uma ressalva que precisa ser feita, é sobre a generalização desses resultados, tendo em vista que as evidências encontradas neste estudo devem ser consideradas levando em consideração os critérios de seleção da amostra e a metodologia adotada. De modo, que este trabalho possui limitações por considerar apenas os países de origem das multilatinas e não verificar como os países de destino podem impactar na criação do estoque de conhecimento por meio das capacidades de absorção.

Estudos futuros poderiam analisar como os países de destino das multilatinas estão influenciando na capacidade de absorção e criação do estoque de conhecimento. Tendo em vista, que as empresas multinacionais são uma rede de transferência de conhecimento entre as matrizes e suas subsidiárias. Ainda, pesquisas futuras poderiam aumentar a quantidade de

empresas e países da região, para ser possível estender ainda mais os resultados dessa pesquisa para a região da América Latina.

## REFERÊNCIAS

- ADARKWAH, Gilbert Kofi; MALONÆS, Tine Petersen. Firm-specific advantages: a comprehensive review with a focus on emerging markets. **Asia Pacific Journal of Management**, p. 1-47, 2020.
- AGUILERA, Ruth V. et al. Multilatinas and the internationalization of Latin American firms. **Journal of World Business**, v. 52, n. 4, p. 447-460, 2017.
- ALFARO, Laura et al. FDI and economic growth: the role of local financial markets. **Journal of international economics**, v. 64, n. 1, p. 89-112, 2004.
- ALMEIDA, Beatriz P.; GONÇALVES, Eduardo; REIS, Raquel Coelho. Path dependence and regional lock-in: an analysis using patent self-citations". **Economics Bulletin**, v. 39, n. 4, p. 2865-2874, 2019.
- AMERICA ECONOMIA. **Ranking Multilatinas 2019**. Disponível em: < <https://www.americaeconomia.com/negocios-industrias/multilatinas/estos-son-los-resultados-del-ranking-multilatinas-2019> >. Acesso em 04 de maio de 2022.
- AMERICA ECONOMIA. **Ranking Multilatinas 2021**. Disponível em: < <https://www.americaeconomia.com/negocios-industrias/multilatinas/estos-son-los-resultados-del-ranking-multilatinas-2021> > Acesso em 04 de maio de 2022.
- ANDRÉS, Antonio Rodríguez; ASONGU, Simplicio A.; AMAVILAH, Voxel. The impact of formal institutions on knowledge economy. **Journal of the Knowledge Economy**, v. 6, n. 4, p. 1034-1062, 2015.
- BARNEY, Jay B.; HESTERLY, William S.; ROSEMBERG, Monica. **Administração estratégica e vantagem competitiva**. Pearson Educación, 2007.
- BARNEY, Jay. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of management**, v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.
- BAYONA, Cristina; GARCÍA-MARCO, Teresa; HUERTA, Emilio. Firms' motivations for cooperative R&D: an empirical analysis of Spanish firms. **Research Policy**, v. 30, n. 8, p. 1289-1307, 2001.
- BENDER, Silke; FISH, Alan. The transfer of knowledge and the retention of expertise: the continuing need for global assignments. **Journal of knowledge management**, 2000.
- BLALOCK, Garrick; GERTLER, Paul J. How firm capabilities affect who benefits from foreign technology. **Journal of Development Economics**, v. 90, n. 2, p. 192-199, 2009.
- BLOMSTRÖM, Magnus; LIPSEY, Robert E. The export performance of US and Swedish multinationals. **Review of Income and Wealth**, v. 35, n. 3, p. 245-264, 1989.
- BUCKLEY, Peter J. et al. Explaining China's outward FDI: an institutional perspective. **The rise of transnational corporations from emerging markets: Threat or opportunity**, p. 107-157, 2008.
- BUCKLEY, Peter J.; DOH, Jonathan P.; BENISCHKE, Mirko H. Towards a renaissance in international business research? Big questions, grand challenges, and the future of IB scholarship. **Journal of International Business Studies**, v. 48, n. 9, p. 1045-1064, 2017.
- CAMERON, A. Colin; TRIVEDI, Pravin K. **Microeconometrics: methods and applications**. Cambridge university press, 2005.
- CAMPI, Mercedes et al. Intellectual property rights, imitation, and development. The effect on cross-border mergers and acquisitions. **The Journal of International Trade ; Economic Development**, v. 28, n. 2, p. 230-256, 2019.
- COHEN, Wesley M.; LEVINTHAL, Daniel A. Absorptive capacity: A new perspective on learning and innovation. **Administrative science quarterly**, p. 128-152, 1990.

CONTRACTOR, Farok J.; KUNDU, Sumit K.; HSU, Chin-Chun. A three-stage theory of international expansion: The link between multinationality and performance in the service sector. **Journal of international business studies**, v. 34, n. 1, p. 5-18, 2003.

CRESCENZI, Riccardo; RODRÍGUEZ-POSE, Andrés. R ; D, Socio-Economic Conditions, and Regional Innovation in the U. S. **Growth and Change**, v. 44, n. 2, p. 287-320, 2013.

CUERVO-CAZURRA, Alvaro. Multilatinas and international business studies. **AIB Insights**, v. 19, n. 2, p. 3-7, 2019.

CUERVO-CAZURRA, Alvaro. Multilatinas as sources of new research insights: The learning and escape drivers of international expansion. **Journal of Business Research**, v. 69, n. 6, p. 1963-1972, 2016.

CUERVO-CAZURRA, Alvaro. The multinationalization of developing country MNEs: The case of multilatinas. **Journal of international Management**, v. 14, n. 2, p. 138-154, 2008.

FÁVERO, Luiz Paulo; BELFIORE, Patrícia. **Manual de análise de dados: estatística e modelagem multivariada com Excel®, SPSS® e Stata®**. Elsevier Brasil, 2017.

FRITSCH, Michael; LUKAS, Rolf. Who cooperates on R;D?. **Research policy**, v. 30, n. 2, p. 297-312, 2001.

GAFFNEY, Nolan; KARST, Rusty; CLAMPIT, Jack. Emerging market MNE cross-border acquisition equity participation: The role of economic and knowledge distance. **International Business Review**, v. 25, n. 1, p. 267-275, 2016.

GRANT, Robert M. Toward a knowledge-based theory of the firm. **Strategic management journal**, v. 17, n. S2, p. 109-122, 1996.

GREENE, William H. Econometric analysis. Pearson education. **Inc., Upper Saddle River, New Jersey**, v. 7458, 2003.

GUGLER, Philippe. Emerging countries' country-specific advantages (VCPs) and competitiveness of emerging market multinational enterprises (EMNEs). **Competitiveness Review: An International Business Journal**, 2017.

GUNAWAN, Janti; ROSE, Elizabeth L. Absorptive capacity development in Indonesian exporting firms: How do institutions matter?. **International Business Review**, v. 23, n. 1, p. 45-54, 2014.

GUPTA, Anil K.; GOVINDARAJAN, Vijay. Knowledge flows within multinational corporations. **Strategic management journal**, v. 21, n. 4, p. 473-496, 2000.

HAIR, Joseph F. et al. **Análise multivariada de dados**. Bookman editora, 2009.

HAMEL, Prahalad. The core ability of the corporation. **Business Review**, v. 68, p. 79-93, 1990.

HOLMES JR, R. Michael et al. The effects of location and MNC attributes on MNCs' establishment of foreign R;D centers: Evidence from China. **Long Range Planning**, v. 49, n. 5, p. 594-613, 2016.

IAMMARINO, Simona; MCCANN, Philip. **Multinationals and economic geography: Location, technology and innovation**. Edward Elgar Publishing, 2013.

KAFUROS, Mario I. et al. The role of internationalization in explaining innovation performance. **Technovation**, v. 28, n. 1-2, p. 63-74, 2008.

KHANNA, Tarun; PALEPU, Krishna G. **Winning in emerging markets: A road map for strategy and execution**. Harvard Business Press, 2010.

KHANNA, Tarun; PALEPU, Krishna. Why focused strategies. **Harvard business review**, v. 75, n. 4, p. 41-51, 1997.

KOGUT, Bruce; ZANDER, Udo. Knowledge of the firm and the evolutionary theory of the multinational corporation. **Journal of international business studies**, v. 24, n. 4, p. 625-645, 1993.

KOGUT, Bruce; ZANDER, Udo. Knowledge of the firm and the evolutionary theory of the multinational corporation. **Journal of international business studies**, v. 34, n. 6, p. 516-529, 2003.

KOGUT, Bruce; ZANDER, Udo. Knowledge of the firm, combinative capabilities, and the replication of technology. **Organization science**, v. 3, n. 3, p. 383-397, 1992.

KOKKO, Ari; TANSINI, Ruben; ZEJAN, Mario C. Local technological capability and productivity spillovers from FDI in the Uruguayan manufacturing sector. **The Journal of Development Studies**, v. 32, n. 4, p. 602-611, 1996.

LERNER, Josh. The empirical impact of intellectual property rights on innovation: Puzzles and clues. **American Economic Review**, v. 99, n. 2, p. 343-48, 2009.

LEVITT, Arthur. The importance of high quality accounting standards. **Accounting horizons**, v. 12, n. 1, p. 79, 1998.

LEWIN, Arie Y.; MASSINI, Silvia; PEETERS, Carine. Absorptive capacity, socially enabling mechanisms, and the role of learning from trial and error experiments: A tribute to Dan Levinthal's contribution to international business research. **Journal of International Business Studies**, v. 51, n. 9, p. 1568-1579, 2020.

LEWIN, Arie Y.; MASSINI, Silvia; PEETERS, Carine. Microfoundations of internal and external absorptive capacity routines. **Organization science**, v. 22, n. 1, p. 81-98, 2011.

LI, Lee; QIAN, Gongming; QIAN, Zhengming. The performance of small and medium-sized technology-based enterprises: Do product diversity and international diversity matter?. **International Business Review**, v. 21, n. 5, p. 941-956, 2012.

LIEDONG, Tahiru Azaaviele et al. Institutional voids and firms' resource commitment in emerging markets: A review and future research agenda. **Journal of International Management**, v. 26, n. 3, p. 100756, 2020.

LUIZ, John M. Economics, transitions, and traps in emerging markets. In: **The Oxford Handbook of Management in Emerging Markets**. Oxford University Press, 2019. p. 77.

MCBEATH, Andre; BALL, Peter. Towards a framework for transferring technology knowledge between facilities. **Strategic Outsourcing: An International Journal**, v. 5, n. 3, p. 213-231, 2012.

MEDASE, Kehinde; BARASA, Laura. Absorptive capacity, marketing capabilities, and innovation commercialisation in Nigeria. **European Journal of Innovation Management**, 2019.

MEYER, Klaus E.; MUDAMBI, Ram; NARULA, Rajneesh. Multinational enterprises and local contexts: The opportunities and challenges of multiple embeddedness. **Journal of management studies**, v. 48, n. 2, p. 235-252, 2011.

MIOTTI, Luis; SACHWALD, Frédérique. Co-operative R;D: why and with whom?: An integrated framework of analysis. **Research policy**, v. 32, n. 8, p. 1481-1499, 2003.

NARULA, Rajneesh; PINELI, André. Multinational enterprises and economic development in host countries: what we know and what we don't know. In: **Development finance**. Palgrave Macmillan, London, 2017. p. 147-188.

NGUYEN, Quyen TK; RUGMAN, Alan M. Internal equity financing and the performance of multinational subsidiaries in emerging economies. **Journal of International Business Studies**, v. 46, n. 4, p. 468-490, 2015.

NGUYEN, Thang V.; LE, Ngoc TB; BRYANT, Scott E. Sub-national institutions, firm strategies, and firm performance: A multilevel study of private manufacturing firms in Vietnam. **Journal of World Business**, v. 48, n. 1, p. 68-76, 2013.

NING, Lutao; WANG, Fan; LI, Jian. Urban innovation, regional externalities of foreign direct investment and industrial agglomeration: Evidence from Chinese cities. **Research Policy**, v. 45, n. 4, p. 830-843, 2016.

NORTH, Douglass C. entitled, Institutions, Institutional Change and Economic Performance (Cambridge: Cambridge University Press, 1990). **The Limits of Rationality**, p. 383, 2008.

PENG, Mike W. The resource-based view and international business. **Journal of management**, v. 27, n. 6, p. 803-829, 2001.

PENG, Mike W.; LEE, Seung-Hyun; WANG, Denis YL. What determines the scope of the firm over time? A focus on institutional relatedness. **Academy of Management Review**, v. 30, n. 3, p. 622-633, 2005.

PENG, Mike W.; YORK, Anne S. Behind intermediary performance in export trade: Transactions, agents, and resources. **Journal of international business studies**, v. 32, n. 2, p. 327-346, 2001.

PHENE, Anupama; ALMEIDA, Paul. Innovation in multinational subsidiaries: The role of knowledge assimilation and subsidiary capabilities. **Journal of international business studies**, v. 39, n. 5, p. 901-919, 2008.

PINTO, Cláudia Frias et al. Ownership in cross-border acquisitions and the role of government support. **Journal of World Business**, v. 52, n. 4, p. 533-545, 2017.

PORTER, Michael E. New global strategies for competitive advantage. **Planning Review**, 1990.

PORTER, Michael E. The five competitive forces that shape strategy. **Harvard business review**, v. 86, n. 1, p. 25-40, 2008.

RIBEIRO, Fernanda Teixeira Franco; FIGUEIRA, Mariane; CALEGARIO, Cristina Lelis Leal. EL PAPEL DEL CONOCIMIENTO EXTERNO EN LAS ACTIVIDADES INNOVADORAS DE LAS MULTINACIONALES EN EL ÁREA DE LA BIOTECNOLOGÍA AGRÍCOLA. **InternexT: Revista Eletronica de Negocios Internacionais da ESPM**, v. 16, n. 3, p. 271-289, 2021.

ROBINS, J. A.; WIERSEMA, M. Strategies for unstructured competitive environments: using scarce resources to create new markets. **Winning strategies in a deconstructing world**, p. 201-220, 2000.

RUGMAN, Alan M. Reconciling internalization theory and the eclectic paradigm. **Multinational Business Review**, 2010.

RUGMAN, Alan M.; NGUYEN, Quyen TK; WEI, Ziyi. Rethinking the literature on the performance of Chinese multinational enterprises. **Management and Organization Review**, v. 12, n. 2, p. 269-302, 2016.

RUGMAN, Alan M.; OH, Chang Hoon; LIM, Dominic SK. The regional and global competitiveness of multinational firms. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 40, n. 2, p. 218-235, 2012.

RUGMAN, Alan M.; VERBEKE, Alain. Corporate strategies and environmental regulations: An organizing framework. **Strategic management journal**, v. 19, n. 4, p. 363-375, 1998.

RUGMAN, Alan M.; VERBEKE, Alain. Multinational corporate strategy and the Canada-US free trade agreement. **MIR: Management International Review**, p. 253-266, 1990.

RUGMAN, Alan M.; VERBEKE, Alain. Subsidiary-specific advantages in multinational enterprises. **Strategic management journal**, v. 22, n. 3, p. 237-250, 2001.

RUGMAN, Alan M.; VERBEKE, Alain; NGUYEN, Quyen TK. Fifty years of international business theory and beyond. **Management International Review**, v. 51, n. 6, p. 755-786, 2011.

SCOTT-KENNEL, Joanna; GIROUD, Axele. MNEs and VCEs: Network knowledge, strategic orientation and performance. **Journal of World Business**, v. 50, n. 1, p. 94-107, 2015.

SUTER, Mariana Bassi et al. Country-of-origin image (COI) as a country-specific advantage (VCP): Scale development and validation of COI as a resource within the firm perspective. **Journal of Business research**, v. 84, p. 46-58, 2018.

TALLMAN, Steven. The significance of Bruce Kogut's and Udo Zander's article, 'Knowledge of the firm and the evolutionary theory of the multinational corporation'. **Journal of International Business Studies**, v. 34, n. 6, p. 495-497, 2003.

TANG, Yingkai et al. An analysis on the spatial effect of absorptive capacity on regional innovation ability based on empirical research in China. **Sustainability**, v. 12, n. 7, p. 3021, 2020.

TSAI, Wenpin. Knowledge transfer in intraorganizational networks: Effects of network position and absorptive capacity on business unit innovation and performance. **Academy of management journal**, v. 44, n. 5, p. 996-1004, 2001.

VAN GEENHUIZEN, Marina; INDARTI, Nurul; SOETANTO, Danny P. Knowledge acquisition and innovation: potentials for upgrading of very small and small firms in furniture manufacturing in Indonesia. **International Journal of Foresight and Innovation Policy**, v. 6, n. 4, p. 207-224, 2010.

VELEZ-CALLE, Andres; SANCHEZ-HENRIQUEZ, Fernando; CONTRACTOR, Farok. Internationalization and performance: The role of depth and breadth. **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, 2018.

WANG, Jian-Ye; BLOMSTRÖM, Magnus. Foreign investment and technology transfer: A simple model. **European economic review**, v. 36, n. 1, p. 137-155, 1992.

WANG, L. F.; HU, Y. Does venture capital improve innovation efficiency? Evidence from China's firm-level analysis. **J. Financ. Res.**, v. 1, p. 13, 2017.

WERNERFELT, Birger. A resource-based view of the firm. **Strategic management journal**, v. 5, n. 2, p. 171-180, 1984.

WILLIAMSON, Oliver E. Technology and transaction cost economics: A reply. **Journal of Economic Behavior ; Organization**, v. 10, n. 3, p. 355-363, 1988.

WORLD BANK. **World Bank Open Data**. Disponível em: < [https://data.worldbank.org/VE,PAN?viz=line\\_chart&years=2007,2017&indicators=24778](https://data.worldbank.org/VE,PAN?viz=line_chart&years=2007,2017&indicators=24778)> . Acesso em: 23 jun. 2022.

WORLD ECONOMIC FORUM (WEF). **Dataset**. Disponível em: <<https://tcdata360.worldbank.org/indicators/h1cdf8bd?country=ARG&indicator=634;country>> Acesso em: 4 jun. 2022.

WU, Jie et al. A contingent view of institutional environment, firm capability, and innovation performance of emerging multinational enterprises. **Industrial Marketing Management**, v. 82, p. 148-157, 2019.

WU, Jie et al. Internationalization and innovation performance of emerging market enterprises: The role of host-country institutional development. **Journal of World Business**, v. 51, n. 2, p. 251-263, 2016.

YAO, Fiona Kun et al. Informal institutions and absorptive capacity: A cross-country meta-analytic study. **Journal of International Business Studies**, p. 1-19, 2020.

ZAHRA, Shaker A.; GEORGE, Gerard. Absorptive capacity: A review, reconceptualization, and extension. **Academy of management review**, v. 27, n. 2, p. 185-203, 2002.

ZHANG, Yan et al. FDI spillovers in an emerging market: the role of foreign firms' country origin diversity and domestic firms' absorptive capacity. **Strategic Management Journal**, v. 31, n. 9, p. 969-989, 2010.

ZHOU, Kevin Zheng; GAO, Gerald Yong; ZHAO, Hongxin. State ownership and firm innovation in China: An integrated view of institutional and efficiency logics. **Administrative Science Quarterly**, v. 62, n. 2, p. 375-404, 2017.

KAFUROS, Mario I. et al. The role of internationalization in explaining innovation performance. **Technovation**, v. 28, n. 1-2, p. 63-74, 2008.